

CORREIO NO MUNDO

Reprodução/Wikimedia Commons



Macron quer assumir a posição de mediador da guerra

Macron faz tour diplomático e tenta entrar como mediador

O presidente da França, Emmanuel Macron, passou os últimos dias articulando com os principais atores envolvidos na Guerra no Irã, no que parece uma tentativa de se vender como mediador do conflito enquanto lida com pressão interna a um ano das próximas eleições presidenciais.

A mais recente iniciativa foi uma conversa sobre a situação no Oriente Médio com o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, na manhã desta segunda-feira (9), de acordo com informações do Palácio do Eliseu. Antes disso, o francês já havia falado com o premiê na quarta passada (4), dois dias após Tel Aviv começar a atacar redutos do Hezbollah em Beirute.

Conversa com líderes dos EUA e Irã

Entre as duas chamadas, no domingo (8), Macron conversou com os presidentes americano e iraniano, tornando-se o primeiro líder ocidental a falar com o presidente da teocracia, Masoud Pezeshkian, desde o início da guerra. Não foram divulgados detalhes da sua ligação com o presidente Donald Trump, mas, durante a chamada com Pezeshkian, Macron teria enfatizado “a necessidade de o Irã cessar imediatamente seus ataques contra países da região”.

Wuiga Rubini/GOVBA



Emmanuel Macron assumiu liderança na Europa

Estreito de Hormuz em jogo

Após ser atacado por Israel e Estados Unidos no final de fevereiro, o Irã retaliou com bombardeios no Estado judeu e em bases americanas em todo o Oriente Médio. Além disso, fechou o corredor marítimo, o estreito de Hormuz, que liga o Golfo Pérsico ao Golfo de Omã e por onde passam 20% do petróleo e do gás natural do mundo. Macron voltou a falar sobre o bloqueio da passagem nesta segunda, após desembarcar no Chipre, um membro da União Europeia que foi atacado durante as ofensivas.

Territórios europeus em risco

“Quando o Chipre é atacado, a Europa é atacada”, afirmou Macron ao lado de homólogo cipriota, Nikos Christodoulides, no aeroporto militar de Pafos, que foi atingido por um drone logo após o início do conflito. “Não aceitaremos que a menor porção de território europeu, como o Chipre, seja exposta ao perigo”, acrescentou o primeiro-ministro da Grécia, Kyriakos Mitsotakis, que também estava presente.

Cessar ataques

Na segunda, após a Turquia interceptar um míssil balístico, o Ministério das Relações Exteriores da França afirmou que o Irã precisa cessar o que chamou de ataques injustificados contra países da região. Macron visitou o porta-aviões francês Charles de Gaulle, que foi direcionado para a costa da ilha de Creta nos últimos dias.

Missão de defesa

Segundo Macron, a França está preparando uma missão internacional “puramente defensiva” para reabrir o Estreito de Hormuz. A embarcação é o núcleo de um importante destacamento naval francês que também mobilizará “oito fragatas” e “dois porta-helicópteros anfíbios” numa vasta área.

Golfo Pérsico

A região em que se encontra a embarcação abrange o Mediterrâneo Oriental, o mar Vermelho e o Estreito de Hormuz, no Golfo Pérsico, afirmou Macron. Além da França, Itália e Espanha também enviaram uma fragata cada para a região. As declarações ocorrem pouco após o líder francês assumir a Presidência do G7.

Mobilizar o G7

“Eu queria que pudéssemos mobilizar uma estreita coordenação no nível do G7 para melhor gerir as questões energéticas”, disse Macron. Segundo ele, os países do grupo, que reúne as sete maiores economias do mundo, estavam considerando o uso de suas reservas estratégicas diante da disparada nos preços do petróleo por conta da guerra.

Reino Unido I

Pela primeira vez na guerra entre EUA e Israel contra o Irã, bombardeiros americanos levantaram voo na terça-feira (10) do Reino Unido para atacar o país persa. Foram filmadas as decolagens de modelos B-1B na base de Fairford, onde ao menos 11 aeronaves do tipo chegaram desde o fim de semana.

Reino Unido II

Na segunda (9), três bombardeiros B-52 também pousaram lá. Londres havia vetado o uso de suas bases na guerra, gerando uma crise entre Trump e Keir Starmer, que voltou atrás e permitiu o emprego delas para o que chama de “ataques defensivos”, um conceito fluido.

Por Igor Gielow
(Folhapress)



Para Netanyahu, Israel não terminou a ofensiva contra o Irã

Netanyahu diz que ofensiva contra o Irã não acabou

Israelense prevê novos ataques no Oriente Médio, após fala de Trump

Ainda não terminamos”, afirmou o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, sobre a ofensiva militar de Israel contra o Irã. A guerra já dura dez dias e se espalhou pelo Oriente Médio.

Sem entrar em detalhes, o premiê ainda disse que os ataques estão enfraquecendo a liderança clerical do país persa. No domingo (8), o regime escolheu seu novo líder supremo, Mojtaba Khamenei, filho do aiatolá Ali Khamenei, morto no começo das ações americanas e israelenses.

“Nossa aspiração é que o povo iraniano se liberte do jugo da tirania; em última instância, depende deles”, declarou Netanyahu durante uma visita ao Centro Nacional de Comando de Saúde na noite de segunda-feira (9). “Mas não há dúvida de que, com as medidas tomadas até agora, estamos quebrando seus ossos e ainda não terminamos.”

O embaixador israelense na França, Joshua Zarka, fez coro às declarações de Netanyahu. “Quando fomos questionados, no início desta guerra, sobre sua duração, dissemos que ela duraria algumas semanas. Isso não mudou”, disse à emissora BFM nesta terça-feira (10).

“Estamos adiantados em relação ao cronograma para alcançar nossos objetivos.” Já o chanceler israelense, Gideon Sa’ar, afirmou que o país não busca uma “guerra sem fim”.

Mais cedo nesta terça, Teerã afirmou que lutará “pelo tempo que for necessário” contra Tel Aviv e Washington. “Estamos prepara-

dos para continuar os ataques com mísseis contra eles pelo tempo que for necessário e sempre que for necessário”, declarou o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, ao canal americano PBS News.

Em meio ao bloqueio do estreito de Hormuz, fundamental para o mercado de energia global, o major-general Ali Mohammad Naeini disse que as forças iranianas estão preparadas para um eventual confronto naval com os americanos.

“As Forças Armadas da República do Irã estão aguardando a frota naval dos Estados Unidos”, disse à imprensa estatal. Na segunda, a Guarda Revolucionária do Irã já tinha advertido que ela decidirá quando a guerra deve acabar. E também advertiu que nenhum litro de petróleo do Golfo será exportado enquanto prosseguir o conflito.

“As circunstâncias e o futuro da região estão agora nas mãos de nossas Forças Armadas; as forças americanas não acabarão com a guerra”, declarou em um comunicado.

Horas antes do pronunciamento da Guarda Revolucionária, Donald Trump disse que a guerra no Irã vai “acabar bem rápido”.

Teerã disse que as ameaças do republicano são vazias. “O Irã não tem medo de suas ameaças vazias. Mesmo aqueles maiores do que você não conseguiram eliminar a nação iraniana. Cuide de si mesmo para não ser eliminado!”, disse o chefe de segurança do regime persa, Ali Larjani, em uma publicação na rede social X.